

Carlos Miguel Araújo Carvalho

nº 30123

Relatório da Prática de Ensino Supervisionada com vista à obtenção do grau de Mestre em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário, nos termos do Decreto-Lei nº 79/2014 de 14 de maio e do Decreto-Lei nº 74/2006, de 24 de março, publicado pelo Decreto-Lei nº 63/2016, de 13 de setembro.

Trabalho realizado sob a supervisão da Professora Doutora Luísa Aires, do Instituto Universitário da Maia e orientação da Professora Mestre Dioclécia Melo, da Escola Secundária Augusto Gomes.

Junho de 2019

Carvalho, C. (2019). Relatório da Prática de Ensino Supervisionada do Curso de 2º Ciclo em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário, apresentado ao Instituto Universitário da Maia.

PALAVRAS-CHAVE: ENSINO-APRENDIZAGEM; PRÁTICA SUPERVISIONADA;
FORMAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA: ESCOLA BÁSICA E SECUNDÁRIA;

Dedicatória

Dedico a realização deste Relatório da Prática de Ensino Supervisionada aos meus pais, por me terem apoiado ao longo da minha formação, por serem os meus melhores amigos e a água que cai sobre a semente dos meus sonhos que vai crescendo graças a todo o sacrifício exercido por eles.

À minha irmã Liliana, que tal e qual ao meu Pai apesar de o destino nos separar por uns milhares de quilómetros, continua a procurar proteger-me de tudo, continua a mostrar bastante orgulho em mim e a ser uma irmã galinha que recentemente me deu uma pintainha chamada Letícia, a ti minha sobrinha também dedico todo o meu trabalho e amor.

Aos meus avós, aos que cá estão e aos que infelizmente o destino levou, sei que lá em cima estão orgulhosos de mim, acreditem que também tenho muito orgulho em ser vosso neto e em pertencer a esta família, senti a vossa força e presença em cada aula que dei, em cada trabalho que realizei e em cada vez que precisei.

À minha namorada Márcia, uma das melhores prendas que a vida me deu, por todo o amor que sinto e que me dás, por toda a paciência que tiveste ao longo deste ano, por toda a ausência que sentiste devido a este árduo percurso, obrigado por não teres desistido de mim e continuares comigo, dedico-te também a realização deste relatório pelo orgulho que sempre demonstraste ter por tudo o que alcancei e vou alcançando, também tenho muito orgulho em ti meu amor, que venha uma infinidade de anos ao teu lado.

Aos meus amigos de longa data e do ISMAI, Rúben, Paulinho, Ruca, Felisberto, Hugo, Diogo, Bruno, Davide, Leo, Fins, Vítor, Macieira Preta, Ricardinho, Barreira pela amizade demonstrada ao longo destes anos, pelas aventuras, pelas viagens, pelas férias pelos desabafos e por todas as brincadeiras, este relatório também é vosso por confiarem sempre em mim e por demonstrarem uma pureza enorme na amizade.

À minha supervisora Doutora Luísa Aires, pela sua boa disposição, pelas suas rápidas respostas aos emails fossem que horas fossem, por se orgulhar dos estagiários do ISMAI e pelo bom trabalho que tem exercido na instituição, sem dúvida alguma que os futuros estagiários e estudantes do Mestrado em Ensino da Educação Física serão privilegiados pela melhoria já visível que a professora tanto idealizou, lutou e fez, quando existe amor no que se faz, existe sempre algo bom que se cria e que fica.

Por fim dedico também este relatório a minha professora orientadora Mestre Dioclécia Melo, pela aprendizagem, partilha de conhecimento e entrega que demonstrou ao longo do ano, pelas palavras de motivação, pela persistência que demonstrou nos seus estagiários, pelo acompanhamento, por nunca me ter deixado sozinho e por acreditar no meu trabalho, o meu muito obrigado, acredite que os seus elogios foram sempre o grande impulso para que eu quisesse fazer ainda mais e melhor, porque quando o trabalho é reconhecido a motivação para fazer mais e melhor é ainda maior, obrigado de coração, vou leva-la sempre como um grande exemplo a seguir na escola e na vida.

“A gratidão é a memória do coração”

Antístenes de Atenas

Agradecimentos

Durante a realização desta grande experiência de aprendizagem, muitas foram as pessoas que contribuíram para que fosse possível. A todos eles tenho de expressar a minha gratidão pelo seu importante contributo nesta fase. No entanto, é de salientar a maior influência que alguns tiveram e, por isso, expresso aqui o meu sincero agradecimento:

Em primeiro lugar agradecer a todos os professores do ISMAI, pela partilha do conhecimento e por me darem as bases necessárias para que conseguisse expor o meu conhecimento na prática.

À professora Maria João Lagoa, pela disponibilidade demonstrada, foi uma peça fundamental na realização do Projeto de Intervenção, foi incansável e alguém que se tornou num exemplo para mim pelo conhecimento e pela humildade na partilha do mesmo.

Uma vez mais agradeço às professoras Doutora Luísa Aires e Mestre Dioclécia Melo, pela paciência e pelas horas que se dedicaram a orientar-me.

Ao Professor Pedro Maravilha, orientador da Escola Básica de Matosinhos por todo o conhecimento transmitido relativamente aos alunos do segundo ciclo.

À Escola Secundária Augusto Gomes pelo fantástico acolhimento e pelas incríveis instalações desportivas, que me permitiram dar o melhor de mim em cada aula e por ter permitido a realização do meu estágio.

A todos os funcionários da ESAG, principalmente à D, Margarida e ao Sr. Augusto, por toda a ajuda, sem dúvida o grande apoio, estiveram sempre lá para mim, nunca falharam com nada quando precisei e foram fonte de grande inspiração e força pelas histórias que partilharam comigo.

Ao Grupo 620, pelos conhecimentos transmitidos e pelo acolhimento e respeito que demonstraram para comigo desde o primeiro dia que entrei na escola.

A todos os meus alunos do sexto K, sétimo C, sétimo D, nono B, nono C e décimo segundo D, por fazerem de mim um professor melhor todos os dias, por me motivarem e elogiarem, dando mérito muitas vezes ao meu trabalho, agradeço-vos do fundo do meu coração, lembrem-se, trabalhamos como uma equipa, eu ensinei-vos mas também aprendi muito com vocês, espero que o futuro vos sorria e que tomem sempre as melhores decisões, não tenham medo de seguir os vossos sonhos, arrisquem, a felicidade está ao alcance de um passo dado em frente.

A todas as pessoas que, mesmo não mencionadas, de alguma forma contribuíram para a realização deste percurso.

De coração, a todos o meu muito obrigado!

Resumo

O presente documento reflete a minha experiência vivenciada neste ano letivo, como estudante estagiário. A Prática de Ensino Supervisionada (PES) em contexto real, permitiu-me pôr em prática todos os meus conhecimentos adquiridos ao longo destes anos a fim de me tornar professor. Ao longo da PES, foram desenvolvidas atividades do âmbito curricular e extracurricular, tais como as planificações, atividades escolares, seminário e formações.

O presente relatório da PES está organizado em quatro capítulos. O primeiro diz respeito à dimensão pessoal e profissional e engloba as expectativas iniciais e o que me fez enveredar por este percurso. O segundo, à prática em contexto, que refere a importância da PES; a PES no ISMAI e a caracterização da escola onde decorreu o estágio e as ofertas educativas. No terceiro capítulo, menciono a prática profissional do plano de análise ao de intervenção, que se subdivide em três categorias, sendo a primeira a organização e gestão do ensino e da aprendizagem, que diz respeito à conceção do ensino, ao planeamento, à realização e à avaliação; a segunda a participação na escola e relação com a comunidade, que apresenta as atividades realizadas e a participação com a comunidade; e a terceira o desenvolvimento profissional, apontando as dificuldades sentidas e a necessidade de formação, enquanto profissional. Por fim, o quarto capítulo reflete as conclusões finais acerca de todo o processo.

PALAVRAS-CHAVE: ENSINO-APRENDIZAGEM; PRÁTICA SUPERVISIONADA; FORMAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA; ESCOLA BÁSICA E SECUNDÁRIA;

Abstract

This document is an experience lived in this school year, as a trainee student. The Supervised Teaching Practice (PES) in real context, allowed me to put into practice all my knowledge acquired over time from an end-of-course teacher. Throughout the PES, curricular and extracurricular extension activities were created, such as planning, school activities, seminars and training. This PES report is organized into four chapters.

The first concerns the personal and professional dimension and encompasses the initial expectations and what has made me go through this journey. The second refers to the importance of PES; a PES in ISMAI and a characterization of the school where the internship and educational offers take place. In the third chapter that is subdivided into three categories. The first one is about organization and a concept of education, which has respect for the conception of teaching, planning, realization and evaluation; the second one refers to the participation in the school and the relationship with the community, that presents the activities carried out and participation with the community; and the third one is about professional creation, pointing out the difficulties experienced and the needs of training as a professional.

Finally, the fourth chapter reflects the final conclusions about the whole process.

KEYWORDS: TEACHING-LEARNING; SUPERVISED PRACTICE; TRAINING IN PHYSICAL EDUCATION; BASIC AND SECONDARY SCHOOL.

Índice de Siglas e Acrónimos

AD – Avaliação Diagnóstica

AF - Atividade Física

AS – Avaliação Sumativa

DE – Desporto Escolar

EBM - Escola Básica de Matosinhos

EE – Estudante Estagiário

EF – Educação Física

ES – Ensino Secundário

ESAG – Escola Secundária Augusto Gomes

ISMAI - Instituto Universitário da Maia

MEEFEBS - Mestrado em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário

ME – Modelos de Ensino

MEC - Modelo de Estrutura e Conhecimento

MID – Modelo de Instrução Direta

N PES – Núcleo da PES

OC – Orientador Cooperante

PES - Prática de Ensino Supervisionada

PNEF – Programas Nacionais de Educação Física

PS – Prática Supervisionada

SP - Seminário Pedagógico

SV - Supervisora

TIE – Torneio InterEscolas

UD – Unidade Didática

Índice Geral	
<i>Dedicatória</i>	<i>iii</i>
<i>Agradecimentos</i>	<i>iv</i>
<i>Resumo</i>	<i>v</i>
<i>Abstract</i>	<i>vi</i>
<i>Índice de Siglas e Acrónimos</i>	<i>vii</i>
<i>Índice Geral</i>	<i>viii</i>
1. <i>Introdução</i>	1
2. <i>Enquadramento pessoal e profissional</i>	2
2.1. Uma decisão a partir de um percurso.....	2
2.2. Expectativas iniciais	3
3. <i>Enquadramento Institucional</i>	5
3.1. A importância da PES.....	5
3.2. A PES no ISMAI	5
3.3. A escola cooperante: lugar de prática	6
3.4. O núcleo da PES: espaço de socialização pessoal, profissional e institucional.....	8
4. <i>Prática profissional: do plano da análise ao da intervenção</i>	9
4.1. Organização e gestão do ensino e da aprendizagem.....	9
4.1.1. Conceção de ensino	9
4.1.1.1. Modelos de Ensino.....	9
4.1.2. Planeamento	10
4.1.3. Realização	14
4.1.3.1. Dimensões da intervenção pedagógica	14
4.1.4. Avaliação	17
5. <i>Participação na escola e Relação com a comunidade</i>	20
5.1. Atividades realizadas	20
5.2. Fazer aprender para lá da sala de aula: impactos da minha experiência e atuação.....	25
5.3. Socialização profissional e institucional	26
5.4. A componente ético-profissional.....	27
6. <i>Desenvolvimento profissional</i>	29
6.1. Dificuldades e necessidade de formação contínua: um imperativo da profissão	29
7. <i>Reflexões finais</i>	31
8. <i>Referências bibliográficas</i>	33

1. Introdução

A Prática Supervisionada deve proporcionar ao Estudante Estagiário “uma experiência gratificante e enriquecedora, quer a nível pessoal, quer a nível profissional, possibilitando uma interligação entre a ação e a reflexão.”
Santos, 2004

O Relatório da Prática de Ensino Supervisionada (RPES), insere-se no âmbito da disciplina da Prática de Ensino Supervisionada (PES) do Mestrado em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário do Instituto Universitário da Maia, tendo como Professora Cooperante a Mestre Dioclécia Melo e como Supervisora a Professora Doutora Luísa Aires.

Este documento, consiste em traduzir, relatar e refletir sobre a experiência da PES no processo educativo e formativo com objetividade e sentido crítico fundamentando as opções tomadas e caminhos escolhidos, sobre todo o trabalho realizado ao longo do ano letivo. O processo decorreu na Escola Secundária Augusto Gomes, e também na Escola EB 2/3 de Matosinhos, permitindo contemplar os diferentes ciclos de ensino abrangidos pelos grupos de recrutamento 620 e 260, para qual o ciclo de estudo habilita.

O presente relatório da PES é composto por quatro partes, sendo a primeira referente às dimensões pessoal e profissional, a segunda à prática em contexto, a terceira à vertente profissional (do plano da análise ao da intervenção) e a última às reflexões finais. A prática em contexto, refere-se à importância da PES (Prática de Ensino Supervisionada) ao longo do ano, correspondente ao 2º ciclo, 3º ciclo e Ensino Secundário Regular.

Na prática profissional (do plano da análise ao da intervenção), reflete-se sobre a experiência pedagógica vivenciada e está estruturada de acordo com as três áreas de desempenho: organização e gestão do ensino e da aprendizagem, participação na escola e relação com a comunidade, e desenvolvimento profissional.

Na quarta e última parte, refiro a minha experiência pessoal e profissional, a componente ética profissional e a realidade do contexto escolar, refletindo sobre o impacto da prática de ensino supervisionada.

A PES tem como finalidades, desenvolver competências profissionais que promovam uma reflexão crítica sobre as minhas intervenções, tornando-me capaz de responder a novos desafios no futuro da minha carreira.

2. Enquadramento pessoal e profissional

2.1. Uma decisão a partir de um percurso

Começando por me apresentar, tenho vinte e cinco anos e sou natural de Matosinhos, pertencente ao distrito do Porto.

Desde muito cedo alimentei-me de sonhos, e foi muito cedo que também vi no Desporto o meu futuro, tendo desde criança a certeza que era esta a área académica que gostaria de seguir.

Estive sempre ligado ao Desporto, iniciando em criança com 5 anos no futebol no Lapa Futebol Clube, que na altura era um clube filial do FC Porto e treinava no mítico campo da Constituição, atualmente Vitalis Park. Mantive-me sempre fiel ao longo dos anos por esta modalidade, porém, tendo em simultânea uma pequena passagem pelo andebol no Padroense Futebol Clube onde joguei uma época em que dividi a minha semana entre o andebol e futebol no Desportivo Leça do Balio. No total, foram 16 anos ligados ao desporto como praticante.

Em relação ao meu percurso escolar, dada esta paixão pelo desporto e indo de encontro ao meu sonho que era ingressar na faculdade em Desporto, quando iniciei o ensino secundário, na Escola Secundária Carolina Michaëlis, ingressei no curso tecnológico de desporto para continuar na busca do meu objetivo de estudar e aprender mais nesta área.

Essa opção acabou por ser uma mais-valia pela preparação específica para o ingresso no ensino superior e pela passagem em contexto real na área, onde estagiei na escola básica da Torrinha, realizando atividades pré desportivas nos intervalos. Este percurso, deu-me, ainda, mais garantias de que era realmente esta a área que eu pretendia seguir. Após a conclusão do ensino secundário, ingressei no ensino superior no curso de Educação Física e Desporto no Instituto Universitário da Maia.

A Licenciatura correspondeu a três anos, concluídos com sucesso. Em simultâneo com a licenciatura procurava conciliar com a área do treino desportivo nos seguintes clubes: Leixões SC, Salgueiros e por fim Dragon Force FC Porto.

Posteriormente com a iniciação do Mestrado de Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário, consegui mais uma vez, conciliar os estudos com a função de treinador de guarda-redes na Dragon Force.

Estas vivências do treino, contribuíram para a minha futura preparação e intervenção da prática na área do ensino. Contudo, neste ano da PES decidi colocar de lado a vertente do treino de forma a dedicar todo o meu tempo ao ensino.

O ISMAI proporcionou-me uma constante aprendizagem e crescimento, tanto a nível pessoal como profissional, sendo certo que “a formação do professor como pessoa constitui uma chave

de sucesso de qualquer programa de formação profissional” (Albuquerque, Freitas, & Silva, 2014, p. 287).

O estágio pedagógico é o processo final na formação de professores e segundo Pacheco (1995), a passagem a EE significa uma descontinuidade tripartida da instituição de formação para a escola, de aluno para professor, da teoria para a prática, destacando-se como fortes e marcantes fatores de socialização o contexto prático em que se passa a atuar e os elementos que têm a responsabilidade de o avaliar. Na realidade, é com a PES que se dá o primeiro grande impacto dos estudantes com a prática, sendo este um momento crucial no processo de formação inicial, por via do choque com a realidade e com a responsabilidade total dos papéis inerentes à função de professor (Albuquerque, Graça, & Januário, 2005, p.35).

2.2. Expectativas iniciais

Relativamente as minhas expectativas iniciais, antes de iniciar a Prática de Ensino Supervisionada, muitos foram os sentimentos sentidos, inicialmente o sentimento de alguém que estava a concretizar um sonho, realizando o mais esperado para os estudantes desta área, que é a vertente prática no ensino com alunos reais. Numa primeira fase esteve presente a confiança, onde o objetivo seria implementar o investimento teórico realizado no primeiro ano, expondo todo o conteúdo consolidado no percurso académico.

De seguida, esperei um ano difícil, onde o trabalho seria a base do sucesso para a consolidação de todos os objetivos a que me propus. Neste caso, senti que para além de ensinar, iria continuar a aprender, de forma a investir todo o tempo num processo de retorno, para que ao longo das aulas fosse correspondendo as expectativas dos meus alunos em relação a mim e às aulas de Educação Física (EF).

Ao longo da PES, com certezas de que iria encontrar problemas, fui construindo bases de forma a encontrar as soluções, sabendo que seriam muitas as portas fechadas onde a chave das mesmas foi o compromisso no estudo constante, refletindo na minha opinião num bom trabalho da minha parte, aproveitando todo o tempo disponível que tinha da forma que podia, visto estar a conciliar o trabalho na Decathlon com a PES. Apesar do pouco tempo que tinha, coloquei como expectativa o risco, sabendo que iria beneficiar ao arriscar e assim foi, deparei-me várias vezes com erros que foram melhorados com toda a insistência no trabalho árduo expectável.

Visto ser habitante desta bonita cidade e ter sido treinador num dos clubes locais, o Leixões, esperei encontrar antigos atletas, tornando assim a minha adaptação mais fácil, porém, existiu numa fase inicial algum receio, sabendo que normalmente quem está num desporto é porque gosta e que o mesmo não se sucede na escola, daí a preocupação de encontrar alunos desmotivados que de certa forma pudessem interferir no bom funcionamento das minhas aulas. Contudo o mesmo não se observou e a minha integração acabou por ser positiva nos alunos, professores e funcionários da escola, tendo existido sempre uma boa relação de Estudante Estagiário (EE) entre alunos e vice-versa.

Criei ainda expectativas de promover aulas dinâmicas, procurando ser diferente, concebendo desta forma um bom ambiente de relação e exercitação, fazendo todos os alunos se sentirem integrados nos exercícios, uma das estratégias do sucesso desta expectativa foi fazer com que a turma se sentisse uma equipa e trabalhassem todos em prol do mesmo, retirando assim situações positivas das aulas.

Procurei transmitir o gosto pela prática desportiva aos meus alunos, abordando a minha experiência enquanto atleta e treinador, promovendo desta forma o desporto, fornecendo modelos positivos da prática desportiva como o benefício da saúde, a inclusão de valores que são utilizados no dia-a-dia, como a cooperação, trabalho em equipa, a liderança, a capacidade de superação e o sucesso.

Em relação a toda a insegurança sentida no início do estágio, essa foi superada no primeiro segundo de aula, no primeiro contacto com os alunos, na primeira estratégia de instrução que resultou do trabalho planeado.

Por fim, esperei sempre estar à altura do desafio, deixando a minha marca nas professoras cooperante e supervisora, onde a organização, originalidade e o adiantamento das tarefas propostas foram a base fundamental do sucesso no mesmo, tendo adiantado o que era para amanhã, ontem. Desta forma tive sempre tudo organizado e em ordem, saindo assim com a consciência tranquila de um trabalho bem feito da minha parte, por nunca ter falhado com as datas de entrega dos planos de aulas, reflexões e trabalhos extra propostos. Usei o estágio como uma oportunidade de uma vida, tendo a certeza que quem diz não ter oportunidades, na verdade não arriscou, o risco foi a minha oportunidade de por em cima da mesa todas as dúvidas, expondo nas minhas aulas as soluções.

3. Enquadramento Institucional

3.1. A importância da PES

A PES assume um papel importante e fundamental que nos permite colocar em prática todo o conhecimento adquirido ao longo da nossa formação académica, pois é sobre a mesma que temos a possibilidade de vivenciar a realidade didático-pedagógico (Marcon, Graça & Nascimento, 2012). O processo supervisionado é fundamental para que o EE consiga alcançar através do professor supervisor e do orientador cooperante o sucesso em todo este trajeto, colocando em prática real a transmissão de conhecimentos desenvolvidos ao longo do percurso académico.

Neste processo e sendo este o mais exigente, os EE são confrontado com diversos obstáculos, tendo de passar pelo papel de alunos para a forma de atuar como professores, da teoria para a prática.

Para a realização da PES, foi necessário a aquisição de competências de três anos de licenciatura e dois de mestrado, colocando em prática na PES toda a ação de aprendizagem a que fomos sujeitos durante o percurso académico, sobretudo em disciplinas como a de prática pedagógica e didáticas de desporto.

A PES permite-nos assim, atuar como estudantes estagiários e realizar a passagem em contexto real com uma turma para a lecionação dos conteúdos, aplicando o conhecimento e experiência adquiridos enquanto estudantes.

Os professores passam por diferentes etapas no seu processo de aprendizagem, este processo é importante na construção do seu “eu” profissional, que evolui ao longo da carreira de docente e que pode ser influenciada pela escola, visto esta incorporar o compromisso pessoal. Segundo Bransford, Darling-Hammond e LePage (2005, p.39), para dar resposta às novas e complexas situações em que se encontram os docentes, é conveniente pensar nos professores como pessoas que estão preparadas para fazer aprendizagens eficientes ao longo da vida.

Atendendo ao que foi referido em cima, os receios inicialmente sentidos ao longo deste percurso, foram sendo ultrapassados devido as diferentes etapas vivenciadas ao longo deste processo, através da valorização e reconhecimento da dedicação no investimento crucial que realizei para as minhas aulas e demais atividades.

3.2. A PES no ISMAI

A PES no ISMAI conta como intervenientes o ISMAI, a Escola cooperante, o Estudante Estagiário, a equipa de supervisão e o Orientador Cooperante. Esta, consiste num enquadramento normativo das atividades da PES, tendo como fatores a legislação em vigor, o

regulamento específico do curso, o protocolo de colaboração entre Instituto Universitário da Maia (ISMAI) e as escolas onde a PES se realiza.

A PES é desenvolvida através do projeto educativo, o regulamento interno, o plano anual de atividades, entre outros documentos estruturantes do local de prática, tendo como principal objetivo a integração do EE nos contextos de docência, de forma progressiva e orientada através do desenvolvimento das competências no âmbito da EF em áreas de desempenho como a organização e gestão do ensino aprendizagem, a participação na escola e relação com a comunidade e por fim o desenvolvimento profissional.

A PES integra a agora designada Prática Supervisionada (PS), correspondente ao anteriormente designado estágio profissional, e o respetivo Relatório da PES (RPES), cuja regulamentação se encontra substanciada pelas normas da instituição formadora e pela legislação específica, nomeadamente, pelo artigo nº11 do Decreto-Lei nº79/2014 de 14 de maio.

Por fim, a PES realiza-se nos agrupamentos de escolas do ensino básico e/ou escolas não agrupadas do território, onde sejam asseguradas as condições previstas no Decreto-lei nº79/2014 de 14 de maio, segundo a celebração de protocolo entre o ISMAI e a instituição de ensino, onde 40 por cento da avaliação é relativo ao RPES e 60 por cento à componente prática do estágio.

3.3. A escola cooperante: lugar de prática

A Escola Cooperante onde realizei a PES foi a Escola Secundária Augusto Gomes (ESAG), situada na Rua de Damão, na localidade de Matosinhos. Em simultâneo concretizei parte da minha experiência como EE numa curta passagem pela Escola Básica de Matosinhos, situada na Rua Augusto Gomes, 709, Matosinhos.

Em relação à ESAG, esta apresenta uma oferta formativa para o 3º ciclo do ensino básico, que inclui turmas desde o 7º ano até ao 9º ano, ensino secundário, cursos profissionais e qualificação de adultos. No que diz respeito ao ensino secundário, a escola tem cursos científicos-humanísticos, de artes visuais, de ciências socioeconómicas, de ciências e tecnologias, e línguas e humanidades. Relativamente aos cursos profissionais, apresenta o curso de Técnico(a) de Gestão e Programação de Sistemas Informáticos, Técnico Comercial e ainda o curso de Técnico de Turismo. E por fim na qualificação de adultos a escola é entidade parceira do Centro Qualifica da ADEIMA, tendo uma equipa de formadores/júri de certificação, que gere um total de 36 horas letivas semanais.

Provenientes do grupo 620, os professores de EF estão também inseridos no Departamento Técnicas e Expressões, juntamente com os professores do grupo de Artes e Informática. O grupo 620 é constituído por 9 professores, sendo o coordenador o Professor Marcelino Couto. Ao longo do RPES será descrito as atividades exercidas pelo grupo de EF previstas no plano anual de atividades da escola.

Relativamente aos recursos disponibilizados pela escola para a prática letiva, esta dispõe de um ginásio multiusos, dois pavilhões multidesportivos, um espaço exterior multidesportivo e uma pequena sala de espelhos e espaldares, usada frequentemente quando no espaço exterior as condições climáticas são adversas. Em relação aos recursos materiais a escola dispõe de diversos tipos de materiais, na sua maioria em bom estado.

Relativamente ao número de alunos, a escola conta com 1407 alunos, divididos em 55 turmas desde o básico, ao secundário e profissional.

Durante o ano letivo vivenciei enquanto EE contacto com cinco turmas, sendo duas do sétimo ano, duas do nono ano e um décimo segundo ano. Em relação aos sétimos anos, foram-me atribuídas as turmas do 7º C e o 7º D, a primeira contou com vinte e cinco alunos, um deles com necessidades educativas, sendo que catorze pertencem ao sexo masculino e onze ao sexo feminino. Relativamente à turma D, esta era constituída por vinte e oito alunos, com dezassete do sexo masculino e onze do sexo feminino. No que respeita as turmas dos nonos anos, num primeiro período fiquei responsável pela turma do 9º B, esta com vinte e sete alunos, onde doze pertencem ao sexo masculino e quinze ao sexo feminino. A partir do segundo período coube-me a atribuição da turma do nono C do articulado de Música constituída por dezasseis alunos, sendo que sete pertencem ao sexo masculino e nove ao sexo feminino.

A turma do 12º D do curso de ciências socioeconómicas, lecionada em parceria com o meu colega EE Nuno Araújo, incluía vinte e três alunos, sendo nove pertencentes ao sexo masculino e catorze ao sexo feminino.

De todas as turmas esta era a que trazia alunos mais desmotivados, para a disciplina de EF, uma vez que a média da disciplina não conta para a média de acesso ao ensino superior. Deste modo, foi preciso implementar estratégias de ensino que serão explicadas no decorrer deste relatório, de forma a conseguir influenciar positivamente a motivação desses alunos.

Por fim, em relação à ESAG, é pertinente destacar a importância que esta dá ao Desporto, estando a mesma inserida num projeto que conta com 21 edições, o Torneio InterEscolas Concelhio. Todos os anos, no mês de Maio, todas as Escolas do Concelho de Matosinhos competem entre si em várias modalidades, promovendo o espírito de equipa através de uma

saudável competição entre alunos, o contacto entre professores de EF, a oportunidade de todos representarem as cores da escola e deixarem a sua marca em prol do sucesso escolar.

3.4. O núcleo da PES: espaço de socialização pessoal, profissional e institucional

Relativamente ao núcleo da PES da ESAG, este era constituído por mim, pelo meu colega EE Nuno Araújo e pela professora Orientadora Cooperante (OC) Dioclécia Melo, sendo a, responsável por todas as tarefas propostas ao longo do ano, promovendo assim um ambiente positivo e profissional.

Atendendo a socialização profissional e institucional, quer dos professores de EF, quer da restante comunidade escolar, foi visível o valor e a confiança demonstrada por todos no nosso trabalho, mostrando-se sempre disponíveis para ouvir as nossas ideias e responder às nossas questões, ajudando desta forma na aquisição de conhecimentos.

Neste ponto de socialização, torna-se crucial destacar dois assistentes técnicos da ESAG que realizaram um trabalho incrível e que foram sem dúvida um grande pilar, tonando-se essenciais em todo este processo, a D. Margarida e o Sr. Augusto. É de salientar a colaboração destas duas pessoas que estiveram presentes em todas as aulas no pavilhão gimnodesportivo, que nos receberam de forma muito positiva e sempre dispostos a ajudar. Foram, seguramente, pessoas fundamentais nesta etapa.

O ambiente vivenciado na comunidade escolar, contribuiu para momentos de reflexão e de partilha de conhecimento e experiências entre o EE e toda a comunidade escolar, criando uma identidade enquanto Núcleo PES. Segundo Szulanski (2000) a partilha do conhecimento depende da capacidade de absorção do destinatário, que está relacionada com o conhecimento e habilidades anteriores e com a motivação que possui para buscar e aceitar conhecimentos diferentes ou novos.

Deste modo, estive sempre disponível para ouvir todos os professores, de modo a aprender com o que eles me transmitiram ao longo do ano, partilhando ao mesmo tempo as minhas ideias e opiniões. Neste sentido a PES foi bastante enriquecedora pois manteve-me diariamente em constante processo de aprendizagem.

4. Prática profissional: do plano da análise ao da intervenção

4.1. Organização e gestão do ensino e da aprendizagem

Este capítulo refere-se à organização e gestão do ensino e da aprendizagem, onde a conceção, o planeamento, a realização e a avaliação do ensino são fases necessariamente presentes e primordiais. Aqui apresentarei diversas temáticas, na tentativa de um melhor enquadramento, de forma a expressar e a caracterizar experiências e acontecimentos demais significativos na PES.

4.1.1. Conceção de ensino

A primeira tarefa do professor diz respeito à conceção pois é na conceção do processo pedagógico, nomeadamente nas suas várias dimensões, que o professor dirige e oferece corpo ao planeamento de uma estratégia de intervenção na prática. O planeamento do professor constitui uma janela estrategicamente privilegiada para contemplar o ensino (Graça, 2001).

Deste modo, seguindo o raciocínio do autor, pode-se afirmar que as cada vez mais acentuadas exigências em matéria de qualidade e adequação das intervenções formativas apontadas pela sociedade, particularmente pelas organizações, aconselham vivamente o recurso a novas formas de pensar e organizar as oportunidades de aprendizagem e de desenvolvimento de competências. De acordo com Graça (2001) “as conceções que os professores possuem acerca dos conteúdos de ensino e acerca dos alunos com quem trabalham refletem-se no modo como pensam e desenvolvem as suas práticas de ensino” (p.110) e, por isso, para que o ensino seja assente na eficácia, é importante obedecer à fase da conceção de ensino. Esta abrange a análise dos requisitos gerais e locais da educação, o lugar da EF no currículo dos alunos e as características das turmas atribuídas.

4.1.1.1. Modelos de Ensino

Durante a minha formação académica fui sempre orientado pelos docentes para a utilização de diferentes modelos de ensino, tirando benefícios na sua utilização, bem como percebendo o impacto que os diversos modelos tem no desenvolvimento e motivação dos alunos. Apesar de distintos, os modelos de ensino partilham diversas semelhanças, entre as quais as constantes evoluções do conhecimento sobre os aspetos pedagógicos relacionados com a prática desportiva, que induzem as pesquisas científicas a procurarem respostas cada vez mais

adequadas às formas, às estruturas e aos métodos que suportem uma intervenção profissional consistente e eficaz.

Os modelos de ensino surgiram com o objetivo de renovar a prática pedagógica, baseados em perspectivas cognitivistas e construtivistas, apresentando deste modo uma nova ideologia no que diz respeito ao praticante, expondo-o como responsável pela sua aprendizagem e concedendo-lhe liberdade processual ao nível dos processos cognitivos, de perceção e de tomada de decisão (Graça & Mesquita, 2007; Rovegno et al., 2001). Todo este processo de renovação, tem proporcionado o avanço na investigação ao nível da abordagem das aulas de EF, dando destaque ao conceito de modelo (Graça & Mesquita, 2013) em detrimento das noções de método, estratégia e estilo de ensino, o que, segundo Metzler (2000, 2005) é um avanço, tendo em conta que o conceito de modelo apresenta uma perspectiva mais compreensiva e integral do processo de ensino.

São oito os modelos de ensino existentes, entre eles: I) instrução direta; II) sistema personalizado para a instrução; III) aprendizagem cooperativa; IV) educação desportiva; V) ensino por pares; VI) ensino baseado no questionamento; VII) modelos baseados no jogo tático; VIII) ensino para a responsabilização pessoal e social. Ao longo da PES, de acordo com os diferentes níveis das turmas e necessidades dos alunos, apliquei alguns dos modelos acima descritos, que irei referir no ponto 4.1.3 sobre a realização.

4.1.2. Planeamento

Ao longo da PES estruturaram-se diversas situações pedagógicas, tendo em conta os quadros referenciais e as modalidades a abordar e conjugaram-se vários objetivos de diversas áreas de forma a construir e planear um processo ajustado aos alunos e às condições da escola.

Desta forma, o início do ano marcou-se por uma reunião do grupo de EF, com o objetivo de definir o planeamento plurianual 2018-2021 com a distribuição das modalidades a abordar por ano e período, bem como roulement de instalações. Após esta reunião foi possível começar a definir prioridades na forma de organizar os diferentes níveis de planeamento.

Depois de definidos os objetivos do planeamento plurianual, seguiram-se as tarefas de planeamento propostas pela OC ao longo da PES: o planeamento anual (PA), o modelo de estrutura de conhecimento (MEC), a unidade didática e o plano de aula. Estes, encontram-se interligados através de uma sequência lógica, procurando assim a melhoria da realização do ensino (Bento, 2003, p.59). Relativamente ao PA, este foi o primeiro nível de planeamento

realizado ao longo da PES, e tal como é referido pelo autor, a sua realização é “uma sequência lógica que aqui tem o seu início” (p.59-60). A partir do PA foram estabelecidas as modalidades a lecionar por período, definidas desde logo de acordo com o número de aulas estipulado para cada UD. Este planeamento mostrou-se útil na forma de me orientar na lecionação das minhas aulas, facilitando-me a tarefa enquanto EE. Este foi criado de acordo com os documentos estruturantes da ESAG conforme referido a cima (planeamento plurianual e o roulement de instalações),

Assim, ficou definido que, para o sétimo ano, as modalidades abordadas ao longo do ano letivo seriam o voleibol (18 aulas), ginástica de solo (9 aulas) e atletismo (6 aulas), badminton (12 aulas), ginástica acrobática (3 aulas), ginástica de aparelhos (8 aulas), andebol (11 aulas) e basquetebol (12 aulas).

Relativamente ao nono ano, as modalidades estipuladas foram o voleibol (12 aulas), atletismo (6 aulas), ginástica de solo (6 aulas), basquetebol (7 aulas), badminton (6 aulas), futebol (6 aulas), ginástica de aparelhos (6 aulas), patinagem (6 aulas) e ginástica acrobática (3 aulas). Por fim no décimo segundo ano as modalidades previstas para o ano letivo foram, as UD`s de voleibol (12 aulas), atletismo ou ginástica acrobática (6 aulas), ginástica de solo (9 aulas), basquetebol ou badminton (18 aulas), futebol ou andebol (9 aulas), desportos de combate ou salto em altura (9 aulas), patinagem ou rugby (6 aulas), atletismo ou corfebol (3 aulas) e dança ou ginástica de aparelhos (3 aulas).

No caso do 12º ano, os alunos têm a possibilidade de escolher as modalidades que preferem. Assim, dediquei o maior número de aulas às mais votadas que foram ginásticas acrobática e de aparelhos, basquetebol, futebol, desportos de combate, rugby e corfebol.

Ao longo da PES cumpro com o PA previsto nas turmas de sétimo e nono ano, relativamente ao décimo segundo ano, no terceiro período devido ao PAA (plano anual de atividades), foram reduzidas algumas aulas nomeadamente de Rugby, basquetebol e ginástica de aparelhos, mostrando assim que todo o método de ensino apresenta alterações inesperadas, conforme refere Bento (2003):

“o ensino real tem naturalmente mais facetas do que aquelas que podem ser contempladas no seu planeamento e preparação. No processo real do ensino existe o inesperado, sendo frequentemente necessário uma rápida reação situacional. Mas nem por isso muita coisa deixa de depender já da antecipação mental da realidade do ensino mediante o seu planeamento e preparação (...) Uma melhor qualidade de ensino pressupõe um nível mais elevado do seu planeamento e preparação“ (p.16).

No início de cada período, realizei um Modelo da Estrutura do Conhecimento (MEC), baseado na proposta de Vickers (1990), seguindo-me também pelas orientações do Programa Nacional de Educação Física do Ensino Secundário em vigor, atendendo às características específicas das turmas. O MEC procura, através de um conjunto de ações de análise de diferentes variáveis de contexto, permitir tomadas de decisão que conduzem a um ensino eficaz em cada UD. Este divide-se em três grandes fases: fase de análise, fase das decisões e fase de aplicação.

A primeira fase do MEC é constituída por três módulos que são: a análise da modalidade que aborda a cultura desportiva, a fisiologia do treino e condição física, e os conceitos psicossociais. O segundo módulo é a análise do contexto, que refere os recursos materiais, espaciais, temporais e humanos existentes na escola. O terceiro módulo diz respeito à análise aos diferentes aspetos que caracterizam a turma e que contribuirão para elaborar o plano da unidade didática. O plano de UD também tem em conta os aspetos dos outros 3 módulos. Segue-se, então, a fase das decisões, em que se determina a extensão e a sequência da matéria (conteúdos a lecionar e seu encadeamento), definem-se os objetivos, configura-se a avaliação a utilizar (diagnóstica, formativa e sumativa) e criam-se as progressões de ensino. No final de todo este processo, surge a fase de aplicação, que corresponde à planificação das aulas, bem como a todos os registos e documentos utilizados para as mesmas.

Relativamente aos planos de aula, estes foram sempre realizados e entregues de forma antecipada à professora OC, sendo um instrumento importante para o EE. O plano de aula deve assentar num rigoroso exercício de análise e de reflexão prévia sobre a ação programada ao nível da organização e gestão dos alunos, dos espaços, dos materiais e do tempo, onde depende parte da eficácia da aula. É também fundamental para a definição de objetivos gerais e específicos a seguir por parte do professor, ajudando-o na proposta de exercícios a serem utilizados, sendo “o verdadeiro ponto fulcral do pensamento e da ação do professor” (Bento, 2003, p.77).

O plano de aula deve conter indicações pormenorizadas e não globais, sendo específico, preciso e concreto, devendo segundo o autor percorrer vários pontos na sua elaboração, tais como: a) Análise do estado de formação da turma, condições dos materiais, espaciais e temporais encontradas; b) Função da aula na unidade didática; c) concretização dos objetivos da aula; d) preparação didática da matéria de exercitação; e) organização metodológica; f) Medidas organizativas (Bento, 2003, p.102).

Os pontos acima mencionados, estiveram sempre presentes, ao longo da PES, aquando da elaboração dos meus planos de aula. A eficácia do ensino está dependente da preparação de um conjunto de fatores, tais como locais, materiais e pessoas, atendendo estes fatores, foram criadas rotinas ao longo do ano que ocuparam um espaço muito importante na minha organização enquanto EE. Chegar com antecedência à aula, construir o espaço da aula conforme previsto e desenhado no plano, refletir sobre a aula, realizar os exercícios sozinho, foram algumas das rotinas que criei no início e que mantive até ao final do ano letivo.

Segundo Januário (1996), existem dois tipos de rotinas no planeamento: as de conceção, que referem o nível do desenho das situações de aprendizagem e da execução do plano, e as de concretização que referem à representação prática do plano (p.73). O autor defende que depois das atividades e dos aspetos organizacionais, as decisões que aparecem mais valorizadas como ações de planeamento são o tempo, os espaços e o equipamento. (p.79). De facto, estas foram sempre as minhas primeiras preocupações, ao realizar cada plano de aula, procurei perceber os materiais que tinha disponíveis, calcular o tempo de cada exercício, e o espaço de acordo com a construção da aula.

Conforme referido anteriormente, a antecipação das tarefas era uma prioridade e preocupação. O facto de chegar mais cedo 30 minutos; de ter a aula montada antes da chegada dos alunos; de testar os exercícios, era uma forma de me preparar, de simular os feedbacks que iria utilizar, de testar os termos de utilização na explicação de cada exercício, onde o objetivo sempre foi procurar diminuir o tempo de paragem da aula para oferecer maior tempo de exercitação aos alunos e maior segurança e veracidade na passagem da mensagem do objetivo da aula e dos exercícios, ganhando assim maior familiaridade com as temáticas.

“A função destas decisões é consensual na literatura: contribuem para a redução da ansiedade e da incerteza, permitem uma estruturação e uma visualização prévia da intervenção, reduzem a aleatoriedade e tentam prever os limites provocados pelos fatores de contingência e, principalmente, ligam pensamento e ação” (Januário, 1996, p.68).

Ambos os tipos de decisão referidos pelo autor estiveram presentes no meu processo de planeamento e, se as decisões prévias permitiram uma diminuição do erro e aumento da eficácia. Não bastava ter um planeamento anual e um plano de aula bem planeados, se não tivesse em consideração aquilo que se passava em cada uma das aulas lecionadas. Dai a importância da reflexão, que permitiu sempre um ajustamento dos exercícios a medida que estes não correspondiam ao previsto, impulsionando algumas alterações aos planos originais seguintes.

Assim, pude concluir que ao longo da PES nem tudo é “controlável”, no entanto, a realização de um planeamento permitiu-me encarar e resolver de forma mais eficaz as imprevisibilidades que surgiram.

Na ESAG a distribuição das aulas pelos professores, tinham como objetivo organizar a matéria de forma contínua permitindo aos professores maior autonomia na gestão do tempo e dos conteúdos em função dos espaços disponíveis.

Relativamente aos conteúdos, procurei trabalhar ao longo do ano sobre estações de progressão pedagógica por grupos de trabalho, tendo como objetivo fornecer aos alunos maior tempo de exercitação e de repetição das atividades, fornecendo também uma variedade de exercícios que tornavam as minhas aulas dinâmicas e ricas em conteúdo.

De forma a existir um planeamento completo, foi necessário perceber as condições espaciais e materiais disponíveis na escola, estes, encontraram-se todos bem equipados, com material adequado para um grande leque variado de modalidades, reunindo condições para que houvesse um bom ensino aprendizagem.

4.1.3. Realização

4.1.3.1. Dimensões da intervenção pedagógica

Para Siedentop (2008), a instrução, a gestão, o clima e a disciplina são as quatro dimensões fundamentais para que haja uma boa intervenção pedagógica. Observando a minha experiência na PES, considero que os feedbacks foram uma ferramenta fundamental na transmissão da informação, na correção das execuções dos alunos e na manutenção de um clima de aula positivo e incentivador, que procurei promover sempre nas minhas aulas. Perante a grande variedade de estratégias instrucionais que podem auxiliar a instrução pedagógica, aquelas que tiveram maior destaque na minha ação foram a demonstração, o feedback, o questionamento, a instrução e a comunicação não-verbal.

“Além da prática, na aquisição de habilidades motoras é fundamental a informação, seja esta advinda de fontes externas (feedback extrínseco) ou do próprio corpo (feedback intrínseco). Assim o feedback numa definição mais ampliada pode ser entendido como toda a informação de retorno sobre um movimento realizado, transmitida pelo professor/instrutor/técnico ou percebida pelo próprio aprendiz, para auxiliar no processo de aquisição de habilidades motoras” (Tertuliano et al, 2007, p. 241).

Quanto à realização do ensino e aprendizagem, não encontrei dificuldades no que diz respeito ao controlo disciplinar de ambas as turmas, mas no que se refere à instrução e gestão dos diferentes níveis de desempenho dos alunos apresentei algumas dificuldades, que foram diminuindo com a prática e introdução de diferentes estratégias de ensino. Para colmatar esta situação, procurei criar grupos que integrassem uma variedade de alunos, promovendo assim a interajuda e o sucesso de todos durante as aulas de EF.

É de realçar o envolvimento dos alunos no processo de ensino e aprendizagem, onde lhes foi inculcado a responsabilidade, as respostas a algumas perguntas que os obrigavam a pensar sobre a atividade que tinham realizado. Tudo isto, permitiu que o ensino fosse realizado num ambiente positivo, estimulante e facilitador das aprendizagens.

Conforme referido anteriormente, ao longo do ano estabeleci um conjunto de rotinas que me ajudaram na gestão da aula, no controlo dos alunos e dos exercícios por eles vivenciados. Penso que as estratégias utilizadas fizeram com que os meus exercícios fossem inovadores, dinâmicos, mantendo deste modo os alunos motivados ao longo de todo o ano letivo.

Apesar dos diferentes níveis de desempenho e faixas etárias existentes nas turmas, verifiquei nos alunos uma evolução, assim como uma enorme vontade de aprender. Aos alunos com melhor aptidão, foram propostas variantes mais complexas, de forma a atrair a sua motivação, usando estes também no processo de ajuda na evolução dos alunos com menos aptidões. Segundo Darido, et al. (1999), a aprendizagem depende de vários fatores internos do aluno e também do seu ambiente escolar, tornando-se um grande desafio para os professores conseguirem a atenção dos alunos durante as suas aulas.

De forma a conseguir a atenção dos alunos no decorrer da PES, introduzi ao longo do ano diferentes modelos de ensino, entre eles: instrução direta; aprendizagem cooperativa; educação desportiva; ensino por pares; ensino baseado no questionamento. A introdução dos modelos tornou-se necessária para alcançar um conhecimento mais profundo e rigoroso no processo de ensino-aprendizagem. Segundo Mesquita & Graça, (2011):

“Entre modelos de instrução mais centrados na direção do professor e modelos que concedem mais espaço à descoberta e à iniciativa dos alunos há que encontrar o justo equilíbrio entre as necessidades de direção e apoio e as necessidades de exercitar a autonomia, de modo a criar as condições favoráveis para uma vinculação duradoura à prática desportiva” (p. 45-46).

Começando pela turma de sexto ano, utilizei o MID (modelo de instrução direta), o motivo da utilização deste modelo prendeu-se com a faixa etária dos alunos, por pensar que nestas idades este modelo seria mais propício na forma de controlar a turma e de passar a mensagem da aula. Visto que o MID tem o professor como protagonista no processo de ensino – aprendizagem, onde este propõe uma solução/modelo, claramente definida para um determinado problema a apresentar ao aluno. O professor para propor as soluções/modelos aos alunos deverá apresentar uma clareza comunicativa, informando o que fazer e como fazer utilizando para esse efeito a demonstração da tarefa (Metzler 2000).

Na turma de sétimo ano, o modelo escolhido foi o mesmo que no sexto ano, porém como o contacto com a turma foi maior, apliquei igualmente o modelo de ensino por pares na UD de ginástica. O objetivo foi proporcionar trocas de aprendizagens mais efetivas entre os alunos, desenvolvendo o respeito na interação entre alunos e professor durante as instruções e programas de aprendizagens.

No caso das modalidades coletivas implementei o modelo de aprendizagem cooperativa, onde foi valorizado a interação e o trabalho em grupo. Partindo de uma avaliação inicial organizei grupos de trabalho com quatro a cinco elementos que incluíam alunos com diferentes níveis de competências motoras. Em fases mais avançadas das UD's, introduzi também o fator competitivo, implementando deste modo bases iniciais do MED, este, foi introduzido nas seguintes modalidades: badminton, voleibol, basquetebol e futebol. Nas restantes modalidades, como as de ginástica, aproveitando os recursos disponíveis na escola, criei ao longo do ano diversas aulas virtuais, que despertaram a atenção e predispuseram a motivação dos alunos para a prática nas aulas de EF.

O MED esteve presente desde o princípio até ao fim do ano letivo na turma do 12º ano. A implementação deste modelo nesta turma, deveu-se ao facto de os alunos estarem de alguma forma desmotivados para a EF. Deste modo a inclusão deste modelo trouxe à turma a motivação que faltava para realizarem as aulas de EF. Desde os exercícios de ativação geral até aos exercícios finais estava implementado o fator competição entre as equipas, ou seja, foi criado uma estratégia que era acessível a todos os alunos, dando alguma justiça nas classificações gerais.

As características deste modelo foram: 1) a organização estrutural numa só temporada ao longo de todo o ano letivo; 2) a filiação, onde os alunos permaneceram nas mesmas equipas; 3) a competição formal; 4) Evento final que culminou com o momento de encerramento, onde se

destacou os recordes de cada equipa e os pontos; 5) Festa, celebrando de forma única através da entrega dos prémios a todas as equipas. Este modelo de ensino mostrou-se importante ao longo do ano para aumentar a densidade motora das aulas, ajudando a desenvolver as habilidades e condicionamentos do desporto em específico, fazendo com que todos trabalhassem coletivamente o senso de união de grupo. Nesta turma contei com o apoio de duas alunas, que por questões médicas não podiam realizar a aula na sua vertente prática, porém incumbi-lhes a tarefa de secretariado para controlar a pontuação de cada equipa.

Verificou-se, com a introdução dos modelos de ensino, a pertinência do seu uso na prática, como meio de promoção de um ensino ajustado, realista e eficaz. Segundo Graça (2008)

“Dispomos hoje, felizmente, de alternativas curriculares robustas e válidas tanto no plano teórico como no terreno da prática, para encetar um processo de revivificação do ensino dos jogos. (...) O sonho ingénuo de todos aqueles que desenvolvem uma nova proposta didática é que os professores a apliquem integralmente conforme a letra e o espírito” (p.36).

4.1.4. Avaliação

A avaliação assume-se como um processo fundamental na condução do Planeamento, e fundamentalmente no processo de aprendizagem dos alunos, esta pretende também, diagnosticar carências, classificar níveis de capacidade individuais dos alunos e prever níveis de desempenho.

São vários os autores que se pronunciam em relação a avaliação. Para Bento (2003), esta é necessária para o processo de ensino-aprendizagem, juntamente com a planificação e a realização no ensino. Já Metzler (2000) refere a avaliação como um processo que tem como objetivos determinar que aprendizagens acontecerem num determinado período. Luckesi (2002) refere a importância da avaliação como uma estratégia capaz de situar o aluno no seu processo de aprendizagem, facilitando as decisões dos professores no desenvolvimento desse processo.

Tornou-se importante ao longo da PES, saber como, quando e porque avaliar. A partir daí decorreu a necessidade da procura dos diferentes métodos de avaliação como elemento regulador e promotor da qualidade do ensino e da aprendizagem. Atendendo a tudo isto, durante cada período realizei vários tipos de avaliação, a diagnóstica (AD), a formativa, a sumativa (AS) e a autoavaliação (AT).

Gonçalves et al, (2010) referem a AD como o “recolher informação para estabelecer prioridades e ajustar a atividade dos alunos ao sentido do seu desenvolvimento. Permite identificar as competências dos alunos no início de uma fase de trabalho e colocar o aluno num grupo ou nível de aprendizagem ajustado às suas capacidades” (p. 47).

Foi através da AD, que realizei ao longo do ano os grupos de trabalho e a escolha dos modelos de ensino para cada UD.

Relativamente a avaliação formativa “o professor procede a uma observação cuidada e sistemática das tarefas que o aluno leva a cabo ao longo do ano, recorrendo a instrumentos que permitem a compreensão do estado da situação do processo de formação do aluno.” (Gonçalves et al, 2010, p. 50). Este tipo de avaliação assumiu um carácter contínuo e sistemático, durante a minha PES, onde recolhia informações sobre o desempenho, empenho; cumprimento das regras; autonomia e responsabilidade.

Atendendo a AS, esta recorre a “instrumentos e procedimentos de avaliação final, realizado segundo uma estrutura de síntese” (Gonçalves et al, 2010, p. 50-51) e tem em vista a classificação, tendo como função centrar-se mais na aquisição do sucesso ou insucesso escolar do que promover a aquisição de competências. Este tipo de avaliação é definido por critérios com diferentes cotações. Deste modo, os critérios de avaliação usados na ESAG eram distribuídos da seguinte forma:

- 80% Psico-motor, dos quais, 45% para desempenho, 45% para a participação; e 10% no conhecimento teórico, e 20% para as atitudes e valores que incluíam, regras, responsabilidade, assiduidade e pontualidade (25% cada).

Relativamente aos alunos com atestado médico que não puderam realizar as aulas na sua vertente prática, tiveram que realizar um portefólio por período. Os critérios de avaliação nestes casos usados na ESAG foram distribuídos da seguinte forma:

- 25% na formalidade (tipo de letra, capa, introdução, desenvolvimento e conclusão do trabalho) e 75% no conteúdo (sumários, informações, história, regras, curiosidades e apreciação).

Tendo em conta os 10% de conhecimento teórico acima referidos, os alunos foram sujeitos a fichas de avaliação no primeiro e segundo período. Visto o terceiro ter sido um período bastante reduzido quando comparado aos anteriores, os alunos foram avaliados através de perguntas colocadas aquando da realização prática dos elementos específicos da UD.

De forma a facilitar alguns momentos da AS, recorri ao uso do vídeo nos dias de avaliação que coincidiam com blocos de 50 minutos, por recear não conseguir avaliar todos os alunos dentro do tempo de aula.

Por fim, relativamente à autoavaliação “Os professores devem partilhar o poder e a responsabilidade de avaliar com os alunos” (Gonçalves et al, 2010, p. 20) e, por isso, “a ação exercida pelo professor, deve suceder a ação de autoavaliação por parte do aluno” (p. 55). Na ESAG a autoavaliação era feita em suporte digital, conseguindo o professor, posteriormente, acesso às respostas dadas pelos alunos. Eu de forma conseguir um diálogo com os alunos sobre o desempenho por eles obtidos, realizei também o questionamento direto.

5. Participação na escola e Relação com a comunidade

5.1. Atividades realizadas

As participações dos EE nas atividades realizadas são essenciais, para promover a capacidade de organização e perceber como funciona a comunidade escolar. As atividades realizadas ao longo da PES foram promovidas por diferentes grupos (desde o grupo de EF até à direção da escola), tendo em comum a participação dos estudantes da ESAG e a colaboração do núcleo de estágio. Normalmente, quando falamos em atividades escolares, esta, na sua maioria é constituída por alunos estudiosos e preocupados com os seus estudos e conseqüente futuro.

“A sociedade presente, marcada pela diversidade e pela pluralidade, exige funções acrescidas à escola, colocando-lhe a responsabilidade de preparar os jovens para o futuro que terá que enfrentar. Assim, além de gestor da aula, o professor tem que ser um gestor de relações pessoais e de conflitos, um gestor administrativo, um gestor de tarefas de interação entre os vários elementos da comunidade escolar, e ainda gestor da interação com a comunidade. O professor vê-se, assim, envolto numa multiplicidade de tarefas às quais tem que ser capaz de dar resposta.” (Silva, 2009, p. 9).

As atividades realizadas pela e para a comunidade escolar ao longo da PES foram as seguintes:

- Pelo Grupo 620 os torneios de inter-turmas de: Voleibol e Corta-Mato (primeiro período); | Badminton (segundo período); | Basquetebol 3x3 (terceiro período).

- Pelo Desporto Escolar: Corta-mato distrital (segundo período); | XXI torneios Interescolas do concelho de Matosinhos (terceiro período).

- Pela Federação Portuguesa de Rugby: Torneio distrital de Tag-Rugby (terceiro período).

- Pela Associação de Estudantes: Torneio interturmas de futsal.

- Pelo Núcleo da PES: Visita de estudo aos Jumpers (segundo período); | Visita de estudo ao padel (segundo e terceiro período); | Torneio interturmas de tag-rugby (segundo período); | Promoção do fair-play (terceiro período); | Semana contra a violência no desporto (terceiro período); | Dia aberto (segundo período); | Visita de estudo a Lisboa do grupo 300 (terceiro período).

- Pelo Projeto de intervenção: Seminário Pedagógico (terceiro período).

Todas estas atividades mostraram-se importantes para o meu envolvimento com a escola enquanto EE e para o meu desenvolvimento pessoal e profissional.

No primeiro período, o grupo organizou o corta-mato escolar. Esta é uma atividade que, normalmente os alunos do ensino básico (EB) participam em maior número do que os alunos do ensino secundário (ES), não sendo exceção neste caso. Tudo foi organizado com a máxima antecedência para que decorresse sem qualquer incidente. Para isso, foram providenciadas as seguintes tarefas: requisição de uma ambulância dos Bombeiros Voluntários de Matosinhos, autorização dos Encarregados de Educação, os lanches, as medalhas, colocação do pódio, a divisão dos alunos por escalões e a elaboração do regulamento da prova.

A nossa tarefa passou por lembrar os alunos para participarem no evento. Os três primeiros alunos de cada escalão ficaram automaticamente apurados para o corta-mato distrital, sendo que se não pudessem comparecer por algum motivo, o aluno seguinte seria convocado. Para além do corta-mato, também realizamos o torneio de duplas de voleibol. Como na prova anterior, elaboramos um cartaz alusivo e apelamos à participação dos alunos, sendo que neste torneio, não houve divisão de escalões, apenas separamos EB do ES e o feminino do masculino. A metodologia foi semelhante à anterior, elaboração de cartaz, separação de sexos e níveis de ensino, os lanches, as medalhas, e a colocação do pódio. A inscrição dos alunos foi feita online.

Nestas duas atividades, desempenhei a função de speaker, que consistia em chamar os participantes, marcar a presença, dar o aquecimento, a partida e chegada dos alunos, bem como promover um ambiente de festa a quem assistia de forma a atrair mais assistência à prova. Na segunda, isto é, nas duplas de voleibol, tive como função, ficar responsável de mesa de um dos campos, onde os árbitros foram os alunos do ensino profissional de uma turma do 11º ano, neste modo a minha tarefa foi ajudar os mesmos em algumas regras ou dúvidas que estes demonstrassem.

No segundo período, os alunos que registaram os três melhores tempos de cada escalão no corta-mato da escola foram apurados diretamente para o corta-mato distrital que se realizou no Parque da Cidade do Porto. Os alunos em conjunto com os professores deslocaram-se a pé para o parque da cidade, por ser bastante perto da escola, sendo esta a função desempenhada, acompanhar os alunos. De destacar a quantidade de participantes, bem como a qualidade da prova, sendo esta muito disputada, onde um dos alunos da ESAG ficou em 5º lugar no escalão de iniciados.

Ainda no segundo período, o Núcleo da PES ajudou a associação de estudantes a realizar o torneio de inter-turmas de futebol, desempenhando as seguintes funções: criação do torneio na sua vertente competitiva (mapa de jogos, divisão das equipas por escalões, planeamento dos jogos, criação dos grupos), de forma a aumentar a competitividade do torneio, decidi retirar os jogos a eliminar numa fase inicial, tal como previsto pela associação de estudantes, deste modo, criou-se para os participantes mais oportunidades para procurarem vencer, dando outro valor ao torneio. Toda a gestão do torneio mencionada anteriormente foi desempenhada por mim. O meu colega EE Nuno, teve como função arbitrar os jogos. Este torneio foi importante para mim, por ter assumido o papel treinador da equipa de futsal da escola, bem como a de supervisão e recrutamento de jogadores.

A última atividade realizada no Dia Aberto, no segundo período, foi o torneio de badminton. No Dia Aberto – ESAG NON-STOP, há interrupção das atividades letivas, mas os alunos registam num passaporte a sua presença nas várias atividades por onde passaram. Estas atividades são promovidas pelos diferentes grupos disciplinares, desde atividades desportivas organizadas pelo grupo de EF, a atividades dos grupos de línguas, de ciências, de informática, de artes e música, etc. Esta atividade da incumbência do grupo de EF, foi responsabilidade total do núcleo da PES, onde acompanhamos a professora OC Dioclécia Melo em todo o processo, desde a idealização do torneio, à divulgação e execução. Tive como tarefas montar os quadros de jogos juntamente com os alunos que se iam inscrevendo, dividindo os mesmos por escalões, campo de jogos e horário de jogos, da minha parte teve presente também colocar nos espaços da escola a regulamentação do torneio de forma a ser visível para que todos os participantes tivessem conhecimento das regras do mesmo.

Durante o torneio fui responsável pelo levantamento e entregas das fichas de jogo, bem como o som, onde colocava a música de fundo e chamava os participantes para os campos de jogos. Neste fui também responsável pela montagem dos campos. Ainda relativamente ao badminton, realizei a tarefa de passar para suporte digital todos os resultados, de todos os escalões, de forma a mais tarde publicar na escola e todos os alunos terem conhecimento dos resultados. Na minha opinião o torneio correu bem, existiu um esforço e uma dedicação enorme da OC para a realização deste torneio que exigiu o conhecimento oficial da modalidade e forneceu aos alunos uma cultura real do jogo.

Relativamente ao terceiro período, apesar de mais pequeno foi o mais trabalhoso no que se refere à participação na escola.

Participamos na organização do XXI Torneio InterEscolas do concelho de Matosinhos. É um torneio que envolve as seguintes modalidades: atletismo, andebol, badminton, basquetebol, futsal e voleibol. Cada escola do concelho de Matosinhos foi responsável pela organização de uma modalidade e as finais foram jogadas no Pavilhão Municipal de Leça da Palmeira. A ESAG foi escola organizadora dos jogos de voleibol, e como EE, ficamos incumbidos de receber as equipas, de tratar dos lanches, da definição dos campos e de dar apoio em outras tarefas. Enquanto EE, fiquei responsável pela seleção e acompanhamento dos alunos do sexo masculino para as equipas da escola na modalidade de futsal, este envolveu muita dedicação da minha parte, recrutei jogadores, estes foram observados atentamente no torneio interturmas do 2º período, abordei os alunos que me chamaram a atenção pela sua qualidade e convidei os mesmos a entrarem na equipa que iria representar a escola. Por isso, ainda antes de terminar o 2º período a equipa estava já escolhida e preparada de forma a organizar treinos regulares na escola e no parque da cidade durante as férias e feriados.

Esta estratégia permitiu a equipa conviver, conhecer e criar dinâmicas de jogo, o que se traduziu no fim numa grande amizade entre todos. Foi então minha tarefa, como treinador, orientar a equipa de futsal masculino, acompanhando a mesma em todos os jogos. A equipa conseguiu um honroso 3º lugar, perdendo na meia-final no último minuto de jogo contra a equipa que sairia vencedora do torneio.

Relativamente a este ponto, o Inter-Escolas foi o ponto máximo de satisfação de uma tremenda exposição de cultura desportiva, em que me orgulho imenso de ter participado, foi aqui que tive o maior contacto com a comunidade escolar, foi a partir daqui que vi e vivi novas realidades e tive a oportunidade de observar o trabalho feito em outras escolas do concelho, conheci novos professores, vivenciei várias histórias e senti que realmente este trabalho que tem vindo a decorrer ao longo de 21 anos, é um trabalho em ascensão, que pelas partilhas com outros professores tem cada vez mais um grau de importância elevado.

De salientar que para ter uma equipa tive realmente de investir ainda mais o meu tempo, procurar alunos, abordar alunos, abordar diretores de turma para justificar as faltas, criar treinos na escola e fora da escola com esses alunos para que a escola fosse bem representada, e assim foi.

Ainda neste período o núcleo da PES foi responsável pela semana contra a violência no desporto. Para esta atividade realizei cartazes que espalhei pela escola, esses cartazes espelhavam o contraste entre o bom e o mau no desporto, procurando ir de encontro a

sensibilidade dos alunos, para que eles percebessem que o desporto é mais bonito quando transmite coisas boas e não más. Realizei ainda um vídeo que estava em sintonia com os cartazes, para que o tema tivesse ainda mais visibilidade e posteriormente consciencialização por parte dos alunos, que o desporto deve ser visto como uma festa onde todos retiram coisas boas da mesma.

Participamos ainda na organização no torneio 3x3 de basquetebol. Exatamente como no torneio de Voleibol, os alunos foram divididos por equipas do EB e ES e por género. Elaboramos o cartaz, encomendamos medalhas, os lanches e a inscrição foi feita online.

Outra atividade realizada com os estudantes foi a visita de estudo ao *Jumpers*, ao *Padel* e a Lisboa, apesar de terem sido atividades separadas, as funções desempenhadas foram semelhantes, as de acompanhar e supervisionar os alunos. A primeira atividade (*Jumpers*) teve a participação dos alunos do 9ºC, 12ºC e 12ºD. Consistiu numa atividade lúdica, com o objetivo de os alunos presenciarem os diferentes aparelhos utilizados na ginástica de aparelhos, motivando os mesmos para a prática da modalidade nas aulas de EF.

Relativamente ao *Padel*, esta atividade contou com a participação dos alunos do 9ºB, 9ºC, 12ºC e 12ºD. Aproveitando-se do facto da existência de um protocolo do desporto escolar com a entidade, esta visita teve como objetivo presentear os alunos a prática de novas modalidades, coincidindo com a prática da UD de badminton (desporto de raquete). Por fim, relativamente a visita de estudo a Lisboa, no início do terceiro período, o N da PES foi convidado pelo grupo 300 (português e francês), a acompanhar os alunos do 12ºano, no âmbito da disciplina de língua portuguesa, tendo como objetivo a consolidação de conteúdos programáticos dessa mesma disciplina.

Por fim a última atividade realizada, o Seminário, foi da exclusiva responsabilidade do Núcleo da PES e o mesmo optou por realizá-lo de acordo, com o projeto que escolheu no início do ano letivo “Family in Move”, orientado pela Doutora Maria João Lagoa. O tema foi, “A influência do apoio parental para a redução dos comportamentos sedentários dos alunos”.

A realização do seminário apresentou-se como uma experiência bastante desafiante, importante e enriquecedora. Foi desenvolvido ao longo do segundo e terceiro período na Escola Secundária Augusto Gomes. Este projeto explorou o Índice de Atividade Física dos pais e alunos, bem como a coordenação motora dos alunos, procurando perceber se o apoio parental exerce influência sobre esses indicadores.

O projeto foi implementado em duas turmas de sétimo ano e duas de nono ano. O estudo, que incluiu 195 alunos, com média de idades de 13 anos, o apoio parental pode influenciar os níveis de atividade física e coordenação dos alunos e ainda que, no geral, todos tem tempo para praticar uma hora de exercício físico por dia conforme recomenda a Organização Mundial da Saúde. Para este trabalho realizamos um conjunto de avaliações, nomeadamente do peso, altura e coordenação motora através da bateria de testes KTK.

A apresentação do seminário foi aberta a toda comunidade escolar, porém apenas contou com a presença dos professores de EF, a orientadora do projeto, a diretora da escola e um colega estagiário do ISMAI. No fim foram colocadas perguntas, fez-se um pequeno debate para troca de ideias e finalizamos com um pequeno lanche de confraternização.

De salientar que este Seminário foi fruto de muito trabalho e de muita insistência, de forma a proporcionar à escola um estudo fidedigno e a sensibilização dos pais, professores e da comunidade em geral.

5.2. Fazer aprender para lá da sala de aula: impactos da minha experiência e atuação

Enquanto EE percebi, que um professor nos dias de hoje, deve ser mais que um mero ensinador. A aprendizagem dos alunos, não é somente adquirida através dos acontecimentos dentro de uma sala de aula, neste caso, num pavilhão desportivo. Penso que são um conjunto de fatores que estão presentes, pois existem diversas formas de aprender, uma delas é através da socialização. Neste ponto, penso que foi importante ao longo da PES, dar a conhecer um pouco de mim aos meus alunos, de forma a criar uma empatia com estes, concebendo, portanto, coerência, simpatia e o respeito mútuo.

Segundo Wallon (1995, p.215), “o papel do professor na vida do aluno é essencial. Para os alunos, o papel do professor é representado como uma pessoa formada e habilitada, com afetos contemplados aos alunos, podendo ambos interagir dentro de uma transmissão emocional”.

Percebi, ao longo da PES, que a minha forma de ser (amigável, compreensiva, coerente, respeitadora, facilitadora), conquistou os alunos, pois foi habitual ao longo do ano a receção de elogios por parte destes, tais como: “Espero que para o ano continue a ser meu professor”, “o professor é incrível”, “tenho de agradecer tudo o que fez por mim ao longo do ano”, “nunca mude”, “vamos ter muitas saudades suas”, “adoramos as suas aulas”. Todos estes sentimentos expressados pelos meus alunos, só vieram valorizar ainda mais o meu trabalho e foi por isto que procurei ser sempre melhor, de forma a não desiludir nenhum deles.

Segundo Siedentop (1983, p.45) “Os alunos esforçados de maneira apropriada em aula, durante um longo período de tempo, sem recorrer a técnicas negativas ou punitivas, são lecionados por um professor considerado eficiente”. Para além das minhas características como pessoa, penso que o facto de procurar inovar nos exercícios de forma constante, ajudaram-me a desenvolver alunos motivados e esforçados.

Isto, fez com que nas turmas em que lecionei, encontrasse alunos com vontade de aprender, com respeito pelo professor e que davam valor ao trabalho realizado. De acordo com Gouveia (2008),

“O aluno tem a expectativa de que a escola e os professores orientarão o seu relacionamento com os vários interlocutores, que garantam o respeito e o cumprimento das regras e deveres estabelecidos, assegurem todo o apoio necessário ao seu bem-estar e sejam intervenientes ativos na resolução justa dos conflitos de interesse que possam ocorrer.” (p. 187)

Ao longo das minhas aulas, procurei promover a atividade física e desportiva, falando da minha experiência enquanto praticante, inculcando os valores adquiridos através da mesma, inclusive, nas aulas, com a realização de exercícios dinâmicos, competitivos, enriquecedores e ao mesmo tempo divertidos, que impulsionassem o aluno a querer aprender mais sobre a UD, inclusive fora da escola, demonstrando interesse em iniciar uma prática desportiva.

Por fim, foi frequente a realização de várias reflexões após a lecionação das aulas, retirando das mesmas aspetos positivos e negativos, referindo posteriormente as dificuldades sentidas de forma a melhorar nas aulas seguintes. Deste modo, senti necessidade de me autoavaliar, pois como refere St.Pierre, (2004),

“a autoavaliação é uma apreciação crítica sobre o valor de certas ideias, trabalhos, situações, ações, percursos educativos, em termos qualitativos a partir de critérios determinados pelo próprio estudante, favorecendo o desenvolvimento progressivo da aprendizagem, a responsabilização e a autonomia intelectual” (p.35).

As reflexões ajudaram-me assim, a compreender certas atitudes dos alunos, sendo estas positivas ou negativas, estimulando-me a procurar estratégias de forma a melhorar os aspetos negativos sentidos e vivenciados.

5.3. Socialização profissional e institucional

O diálogo entre os professores é fundamental para solidificar saberes resultantes da prática profissional. Mas a criação de redes coletivas de trabalho constitui, também, um fator

determinante de socialização profissional e de asserção de valores próprios da profissão docente (Nóvoa, 1992).

Estabeleci ao longo do ano um excelente relacionamento que mantenho com toda a comunidade escolar (docentes, não docentes e alunos). Creio que uma boa socialização é a base fundamental para conhecermos as pessoas e determinar a nossa posição em relação a elas.

Ainda no decorrer deste ano letivo, foi visível observar situações por parte de outros professores em que estes desvalorizavam a disciplina de EF, porém uma das estratégias adotadas foi continuar a trabalhar em torno dos meus alunos e da Disciplina que tanto gosto e que tanto gosto dá aos alunos.

Um dos contactos com os professores de outras áreas, aconteceu nas reuniões dos concelhos de turmas para atribuição das classificações de cada período.

Apesar do distanciamento da sala de professores ao gabinete de professores de EF, a estratégia passou por nas horas não letivas estar presente na sala de professores a trabalhar. Deste modo, consegui encontrar outros professores com quem partilhei ideias, pedi informações a cerca dos alunos, entre outras tarefas inerentes à prática das minhas funções.

O ambiente social, o meio familiar, o convívio com certos grupos, a pertença de classe, tudo isso tem uma forte influência na formação do indivíduo e da própria sociedade, bem como o sistema social é composto da interação dos indivíduos, que aparecem tanto como atores, quanto como objeto de orientação dos outros (Demo,1995).

5.4. A componente ético-profissional

Foram várias as formas que utilizei para construir uma identidade própria e profissional enquanto professor, procurando inculcar aos meus alunos um espírito de amizade, entreajuda com os colegas, de igualdade e respeito.

Foi recorrente desde o início do ano, promover atividades de fair-play nas minhas turmas, inculcando uma mensagem para que fossem melhores pessoas, tendo orgulho de ajudar os outros e de serem justos, aceitando a derrota e valorizando a vitória.

No fim de cada aula foi ainda usual, realizarmos um “grito de guerra”, após todos revelavam uma mensagem sobre essa aula, em forma de reflexão. Nesse momento de confraternização os alunos encontravam-se abraçados em círculo uns aos outros para que todos percebessem que eles eram um grupo e que para além de turma tinham que funcionar como uma equipa. Este método, que utilizei funcionou bem e os alunos realmente aproveitavam o momento para pedirem desculpa por alguma atitude durante a aula com o professor e/ou colegas. O grito

utilizado no fim de cada aula por todos os alunos era o seguinte: “O que somos? Uma equipa! o que queremos? Aprender! CCC, BBB, DDD.”

Deste modo classifico a minha atitude enquanto EE e futuro professor, como uma postura forte, capaz de mudar mentalidades, procurando a harmonia entre todos os alunos. Este papel de harmonia e entreajuda foi importante tanto para o meu trabalho individual como para o de grupo dentro das turmas, pois ao ter uma turma unida, tive alunos empenhados e prontos a ajudar-me, facilitando a realização das minhas aulas. De facto, a motivação dos alunos é muito importante nas aulas de EF para que estes possam evoluir a nível motor, social e psicológico. Segundo Minelli, Nascimento, Vieira & Rinaldi (2010):

“a motivação dos alunos é, nos dias de hoje, um grande desafio que os professores enfrentam e isso tem sido um dos motivos que faz com que as práticas pedagógicas no ensino tenham de ser modificadas e repensadas com mais frequência” (p.598-609).

Foi visível nas turmas que lecionei, o esforço que os alunos incutiram nas aulas, bem como o grande trabalho de grupo que fortaleceu toda a motivação dos alunos.

Posto isto, todo o ambiente motivacional criado durante as minhas aulas, contribuiu para o desenvolvimento pleno e harmonioso da personalidade dos alunos, incentivando a formação de cidadãos livres, responsáveis, autónomos e acima de tudo solidários, formando cidadãos capazes de julgarem com o espírito crítico e criativo o meio social em que se integram e de se empenharem na sua transformação progressiva.

6. Desenvolvimento profissional

6.1. Dificuldades e necessidade de formação contínua: um imperativo da profissão

Heideman (1990) refere que:

“O desenvolvimento profissional dos professores vai para além de uma etapa meramente informativa; implica adaptação à mudança com o fim de modificar as atividades de ensino-aprendizagem, alterar as atitudes dos professores e melhorar os resultados escolares dos alunos. O desenvolvimento profissional de professores preocupa-se com as necessidades individuais, profissionais e organizativas” (p.3-9).

Para a lecionação de todas as modalidades, é necessário que o professor se prepare e estude todos os conteúdos que têm de ser abordados. Para tal, o professor deve investir em pesquisas e informações, para colmatar algumas dificuldades que tenha em certos conteúdos. O investimento “no saber” nunca ocupa espaço, só nos ajuda a tornar o nosso ensino mais conciso e rico.

Neste caso, a formação deve ancorar-se sempre que possível na situação concreta do ensino, contexto onde decorre a aprendizagem (Resende et al., 2014). Para além da nossa formação na PES deveremos procurar atualizarmo-nos através de uma formação especializada e contínua.

Relativamente ao primeiro período, foi aquele em que senti mais ansiedade, visto estar a iniciar o contacto real com a profissão no ensino. Nessa fase inicial, foi fundamental o processo de aprendizagem na lecionação das modalidades que apresentava mais lacunas no conhecimento técnico e tático. A fim de colmatar estas “falhas”, realizei pesquisas sobre as mesmas, de forma a encontrar soluções, mas acima de tudo respostas, para que no dia da aula, fornecesse aos meus alunos uma veracidade e autenticidade de exercícios que realmente incutissem a cultura desportiva da UD a ser abordada, tendo bem delineado os critérios de êxito, de forma a construir para os meus alunos um processo de ensino aprendizagem mais completo e coerente.

A escola também me ajudou a ultrapassar as dificuldades na lecionação, devidas as excelentes condições das instalações desportivas. Contudo, os alunos retirariam mais benefícios das aulas se o pavilhão estivesse disponível na sua amplitude, porém o espaço exterior mostrou-se uma boa alternativa sendo que as turmas tinham o espaço completo disponível.

“Ser professor” é bastante mais do que somente lecionar matéria. Creio que o professor não educa os alunos, mas transmite-lhes valores e formação pessoal (Trindade, 2015). Procurei sempre através do diálogo um registo de proximidade e abertura com os alunos para que estes

vissem em mim uma alternativa e falassem comigo sem receios sobre qualquer assunto que os inquietasse. Esta minha aproximação contribuiu para que alguns alunos partilhassem problemas importantes do foro pessoal, permitindo-me ajustar o meu comportamento nas aulas em função do perfil desses alunos.

Enquanto EE, participei em várias ações de formação, entre elas a ação de formação do Google Suite, com o objetivo de atualizar os professores da escola sobre as novas funcionalidades do Gmail, a ação de formação de implementação do Tag-Rugby na escola, organizado pela Federação Portuguesa de Rugby em Penafiel, ação de formação de Padel fornecido no âmbito do Protocolo de Cooperação Institucional entre o Desporto Escolas e a Federação Portuguesa de Padel e por fim numa ação de formação de jogos pré-desportivos nas aulas de EF, organizado pelos professores Luís Mortágua e João Paulo Barbosa na Escola Secundária Gonçalves Zarco.

Todas as ações de formação, foram e são importantes para melhorar o conhecimento e a cultura ética e desportiva nas modalidades lecionadas e não lecionadas, enriquecendo deste modo o meu currículo profissional, não só através de ações deste tipo, mas também através de seminários ou outras formações específicas.

7. Reflexões finais

Relativamente há minha experiência pessoal e profissional, tal como referi anteriormente, conciliei os meus estudos para me tornar professor, com a função de treinador de guarda-redes e, em simultâneo, com outros trabalhos como de operador de caixa no Continente, speaker na SONAE e mais recentemente pertencente à equipa de montanha da Decathlon. Todas estas experiências só vieram acrescentar valor no meu percurso, devido ao esforço e dedicação realizados ao longo destes anos, ajudando-me, assim a alcançar o meu sonho.

A PES permitiu-me criar a minha identidade como futuro professor, aprendendo novas estratégias para cativar os meus alunos e conseguir deles toda a motivação necessária para o bom funcionamento da aula. De acordo com Cunha (1992), as habilidades de ensino para se ser bom professor são: gestão de aula, o uso da participação do aluno, o ensino simples e de forma clarificadora, a variação de estímulos e a comunicação.

Todos os dias foram uma aprendizagem, todas as vivências tornaram-se ricas e despoletaram sentimentos nunca antes vivenciados por mim. Cresci como pessoa, desenvolvi competências que não esperava desempenhar enquanto EE. Desta forma, este ano foi muito mais que uma prática supervisionada, fui aluno, fui professor, fui essencialmente alguém que aprendeu e viveu muito de forma intensa.

Julgo que consegui atingir o patamar e objetivos definimos por mim no início do ano, pelo sucesso obtido por parte dos alunos, vivenciando as suas evoluções, a vontade de aprender e melhorar, a persistência que de cada parte existiu para alcançar o pretendido, saindo deste percurso com a sensação de dever cumprido, tendo sido na minha opinião um EE que procurou motivar os alunos, que os possibilitou a uma aprendizagem cuidada e adequada, que, promoveu sempre um bom clima de aula, contribuiu para a formação de valores e os ajudou de certa forma a encontrar respostas para os desafios da vida.

Efetivamente, o contexto real da escola e a profissão de professor mostra que dar aulas é sentir liberdade, podendo transpor para a realidade, muitas vezes situações idealizadas e percebermos no fim que resultou. Este contexto envolve muita pesquisa, mostrando ser gratificante quando as estratégias arranjadas para cada nível de aluno que existe na turma obtém sucesso, dando origem a boas classificações finais.

Planear e organizar aulas, para além de auxiliar bastante o trabalho do professor, envolve também uma enorme responsabilidade. No meu caso como EE, envolveu o cumprimento da entrega de vários documentos, nomeadamente planos de aula, reflexões de aula, atas, entre outros, sempre cumprida dentro dos prazos estipulados.

Por fim, todas as atividades em que estive envolvido foram determinantes para um desenvolvimento essencial no que diz respeito há minha formação pessoal e profissional enquanto futuro professor de EF, saindo deste percurso como EE que deu e fez realmente de tudo, que procurou sempre mais e melhor a cada dia, desde o primeiro toque a 17 de Setembro de 2018 até ao último 14 de Junho de 2019.

Termina assim mais uma etapa, finda um sonho e inicia uma realidade desejada desde a entrada na faculdade, que é a de ser professor. Persigo com a ambição de continuar este recente, bonito e mágico percurso, mágico porque me desvendou que o verdadeiro segredo do ensino não é simplesmente ensinar, mas, constantemente aprender.

“ A satisfação reside no esforço, não no resultado obtido. O esforço total é plena vitória”

MAHATMA GANDHI

8. Referências bibliográficas

- Albuquerque, A., Graça, A., & Januário, C. (2005). *A Supervisão Pedagógica em Educação Física – A Perspetiva do Orientador de Estágio*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Albuquerque, A., Freitas, I., & Silva, E. (2014). *Novas exigências da prática docente: Perspetivas dos estudantes estagiários de educação física*. Maia: Edições ISMAI.
- Bento, J. O. (2003). *Planeamento e avaliação em educação física* (3ª ed.). Lisboa: Livros Horizonte.
- Bransford, J., Darling-Hammond, L., LePage, P. (2005). *Preparing Teachers for a Changing World. What Teachers Should Learn and Be Able to Do*. (p. 1-39). S. Francisco: Jossey Bass.
- Cunha, M. (1992). *O Bom Professor e a sua Prática* (6 ed.). Campinas: Papirus Editora.
- Darido, S., Galvão, Z., Ferreira, L., Fiorin, G. (1999). Educação Física no Ensino Médio: Reflexões e Ações. *Revista Motriz*, 5 (2), 138-145.
- Demo, P. (1995) *Sociologia: Uma Introdução Crítica, 2ª Edição*, São Paulo, Editora Atlas.
- Gonçalves, F., Albuquerque, A., & Aranha, Á. (2010). *Avaliação: Um caminho para o sucesso no processo de ensino e aprendizagem*. Maia: Edições ISMAI - Centro de Publicações do Instituto Superior da Maia.
- Gouveia, P. (2008). *Percepções de Justiça na Adolescência. A Escola e a Legitimação das Autoridades Institucionais*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Graça, A. (2001). Breve roteiro da investigação empírica na pedagogia do desporto: A investigação sobre o ensino da educação física. *Revista Portuguesa Ciências do Desporto*, 1(1), 104-113.
- Graça, A. (2008). *Modelos e concepções de ensino do jogo*. In F. Tavares, A. Graça, J. Garganta & I. Mesquita (Eds.), *Olhares e contextos da performance nos jogos desportivos* (pp. 25-41). Porto.
- Graça, A., & Mesquita, I. (2013). *Modelos e concepções de ensino dos jogos desportivos*. In F. Tavares (Ed.), *Jogos desportivos coletivos: Ensinar a jogar* (pp. 9-44). Porto.
- Graça, A., & Mesquita, I. (2007). A investigação sobre os modelos de ensino dos jogos desportivos. *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*, 7(3), 401-421.

- Heideman, C. (1990). *Introduction to Staff Development. Programming for Staff Development*. London: Falmer Press, (p. 3-9).
- Imaginário, S., Jesus, S. N. de, Morais, F., Fernandes, C., Santos, R., Santos, J., & Azevedo, I. (2014). Motivação para a aprendizagem escolar : adaptação de um instrumento de avaliação para o contexto português. *Revista Lusófona de Educação*, (28), 91–105.
- Januário, C. (1996). *Do pensamento do professor à sala de aula*. Coimbra: Livraria Almedina.
- Luckesi, C.C. (2002). *Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições*. São Paulo: Cortez.
- Marcon, D.; Graça, A.; Nascimento, J. V. (2012): *Estruturantes da base de conhecimentos para o ensino de estudantes-professores de Educação Física*. Motriz – *Revista da Educação Física*, Rio Claro, v. 16, n. 3, p. 776-787.
- Mesquita, I., & Graça, A. (2011). *Modelos instrucionais no ensino do desporto*. In A. Rosado & I. Mesquita (Eds.), *Pedagogia do Desporto* (pp. 39-68). Cruz Quebrada: Edições FMH.
- Metzler, M. W. (2000). *Instructional models for physical education*. Boston: Allyn and Bacon.
- Metzler, M. W. (2005). *Implications of models-based instruction for research on teaching: A focus on Teaching Games for Understanding*. In L. L. Griffin & J. Butler (Eds.), *Teaching Games for Understanding: Theory, research, and practice* (pp. 183-197). Champaign, IL: Human Kinetics.
- Minelli, D., Nascimento, G., Vieira, L., Rinaldi, I. (2010). O Estilo Motivacional de Professores de Educação Física. *Revista Motriz*, 16 (3), 598-609.
- Nóvoa, A. (1992). *Formação de professores e formação docente. Os Professores e a Sua Formação*, 4, 9–33.
- Pacheco, J. (1995). *Formação de Professores: Teoria e Praxis*. Braga: Instituto de Educação e Psicologia.
- Resende, R., Lima, R., Silva, E., & Albuquerque, A. (2014). *Identidade profissional docente: Influência do conhecimento profissional*. In P. Queirós, P. Batista & R. Rolim (Eds.), *Formação inicial de professores: Reflexão e investigação da prática profissional* (pp. 145-164). Porto.
- Rovegno, I., Nevett, M., & Babiarz, M. (2001). Learning and teaching invasion-game

- tactics in 4th grade: *Introduction and theoretical perspective*. *Journal of Teaching in Physical Education*, 20(4), 341-351.
- Santos, E. V. (Novembro/ Dezembro de 2004). *Estágio Pedagógico - Contributos para a sua concretização*. p. 19 a 22.
- Siedentop, D. (2008). *Aprender a ensinar la educación física*. Barcelona: Editorial Inde, S.A. (1ªed).
- Siedentop, D. (1983). *Developing Teaching Skills in Physical Education*. (M.-H. E.-EUROPE, Ed.) (2o ed). Australia.
- Silva, V. (2009). *Para o estudo da entrevista*. Lisboa: Edições Colibri.
- St Pierre, L (2004). *L'habileté d'autoévaluation: pourquoi et comment la développer?* [Versão eletrónica]. *Pédagogie Collégiale*, vol.18, nº.1, octobre 2004.
- Szulanski, G. (2000) - *The process of knowledge transfer: a diachronic analysis of Stickness*. *Organizational Behavior and Human Decision Processes*, 82 (1), 9-27.
- Trindade, V. (2015). *Ensaio sobre o Ensino*. *Interações*, 68 (39), 49 – 67.
- Tertuliano, I. W., Ugrinowitsch, A. A. C., Ugrinowitsch, H., & Corrêa, U. C. (2007). Efeitos da frequência de feedback na aprendizagem do saque do voleibol. *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*, 7(3), 328-335.
- Vickers, J. (1990). *Instructional design for teaching physical activities: a knowledge structures approach*. H. K. Books, ed. Champaign.
- Wallon, H. (1995). *A Evolução Psicológica da Criança*. Lisboa: Edições 70.
- Zabalza, M. (2000). *Los Nuevos Horizontes de la formación en la sociedad del aprendizaje* (una lectura dialéctica de la relación entre formación, trabajo y desarrollo personal a lo largo de la vida). In A. Monclús Estella (ed.), *Formación y Empleo: Enseñanza y competencias*. Granada: Comares, pp. 165 -198.